A MEIO SÉCULO DA PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA

Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO • ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS • REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA», R. DE HOMEM CRISTO, 20 — TEL. 23886 — AVEIRO

Evocação e Preito

DE hoje a quatro dias completa-se meio século sobre a data da proclamação da República em Portugal. O novo regime trouxe muitas e dolorosas desilusões — próximas e remotas; mas ninguém de boa-fé pode negar a elevada determinação patriótica dos grandes pioneiros da República, o heroísmo da grande maioria dos que por ela combateram e o desinteresse particular e altiva independência da quase totalidade dos primeiros dirigentes republicanos. Todos eles — cada um no âmbito das suas possibilidades — procuraram servir a Nação; e, quando a Nação foi tornada serventuária de ambições pessoais, a República passou a ser apenas uma palavra com que se procurou coenestar desmandos e egoísmos, com ela se fazendo injúria aos abnegados ideólogos que, há cinquenta anos, na República vislumbraram o rumo da paz e da prosperidade para todos os Portugueses.

Os erros cometidos — muitos deles por circunstâncias ocasionais em que seria milagre não errar — não diminuem o mérito das primeiras intenções nem desdouram a auréola dos sacrifícios de quantos devotadamente prepararam o advento da República ou tudo fizeram para justificá-la. Importa reconhecê-lo — e honrar, com preito digno, quaisquer que sejam as nossas íntimas convicções, a memória dos grandes Portugueses que, em seu isento critério — ainda que, para alguns, critério discutível — ligaram os ideais republicanos à esperança nos melhores destinos da Pátria.

As colunas deste jornal têm-se franqueado sempre a todas as opiniões, sem pedir outro santo-e-senha que não seja uma honestidade inconcussa; e cremos que a comum opinião de todos os nossos colaboradores é a de que o *Litoral*, na linha da sua incontestada

Conclui na página 3

«República de Portugal» — busto alegórico, que se encontra na Escola Técnica de Aveiro, da autoria do saudoso escultor aveirense prof. Romão Júnior (datado de 1936)

A República ao Serviço da NAÇÃO

UM ARTIGO DO DR. JOÃO CORRÊA GUIMARÃES

HÁ cinquenta anos que a República se implantou em Portugal para dar satisfação aos mais vivos anseios do nosso povo e realidade ao sonho dos seus idealistas. Os seus dezasseis anos de Constitucionalismo foram de uma dura e breve experiência à qual injustamente se tem atribuído males que nela não podem ter tido origem. Regime de base popular, a estruturação democrática deu-lhe a melhor fórmula de convivência cívica, porque é a amplitude da intervenção popular na vida política da Nação que fortalece a Democracia e engrandece o prestígio da República.

Uma revolução é muitas vezes salutar para os destinos de um povo; e a Revolução do 5 de Outubro foi-o para o povo português, pelo seu espírito renovador e pelos seus benefícios efeitos em todas as manifestações da nossa actividade social.

O Estado não pode ser a expressão política de uma classe dominadora, improdutiva, ociosa e indiferente à marcha do mundo ou à solução dos problemas básicos de uma nacionalidade, mas sim, deve ser o orgão de coordenação de todas as actividades, numa base de justiça, para a prosperidade colectiva e o bem comum.

Não se compreende hoje a vida que não tenha o culto da virtude e do trabalho como fonte de toda a verdadeira riqueza e que não reclame a liberdade moral, intelectual e cívica, como factores decisivos para o progresso do mundo e condição indispensável da dignificação humana.

A Revolução do 5 de Outubro de 1910 fez-se sob o impulso do ardente desejo de integrar o País na corrente da civilização moderna que o regime deposto, a despeito da boa-vontade de muitos dos seus melhores servidores, não podia levar a efeito.

A corrente democrática, animada pela intensa propaganda que, desde o começo da última década do século passado, se vinha fazendo, cava cada vez mais fundo a distância que separa o regime dinástico, da Nação. Mas mais do que a propaganda republicana, foram as lutas de facções que comprometeram a Monarquia e a conduziram à derrocada final.

A República tornava-se inevitável, determinada pelas circunstâncias próprias à fase evolutiva das sociedades que carecem de criar novas formas de Estado, outras instituições jurídicas, morais, sociais e políticas para a tarefa da sua renovação.

Por ela carrilámos noutro rumo a vida da Nação que com a República se identifica pela obra de resgate e do exemplo de uma governação séria e progressiva que tornou possível, no meio das suas dolorosas vicissitudes, a realização de uma obra que muito a enobrece, de protecção ao trabalho, às actividades económicas e espirituais do País.

A República não surgiu, pois, de um mero conflito ideológico ou de lutas ardentes de paixões sem grandeza. Foi a Consciência Nacional que a impôs como salvatério para os males da Pátria, a fim de que todos os portugueses, sob a égide das instituições democráticas, se sentissem cidadãos livres, na plena consciência dos seus direitos e deveres, mais prósperos e felizes no conjunto harmónico do bem-estar da Grei.

Estamos a cinquenta anos de distância dessa data gloriosa que este ano se comemora, solenemente, num sentido nacional, sentido que encontra as mais vibrantes repercussões na alma do nosso povo. E porque o povo aspira à paz e ama a tolerância, uma tal consagração só pode ter a sua mais alta expressão na promulgação de uma ampla amnistia.

Presentemente, o homem político consciente das suas responsabilidades não pode

Continua na página 5

5 de OUTUBRO

PELO DR. JOSÉ PEREIRA TAVARES

NÃO é data que possa passar despercebida a quem, como eu, assistiu em Lisboa à mudança das Instituições e com saudade todos os anos vem recordando o que então viu e sentiu.

Era criança, quando, após o desastre do 31 de Janeiro, pela primeira vez ouvi, cantada por toda a gente, a «Portuguesa» de Alfredo Keil e Lopes de Mendonça, logo considerada hino revolucionário, por fim adoptado oficialmente pela República.

Fui, portanto, contemporâneo da tremenda derrocada da Monarquia, em grande parte longa e inconscientemente facilitada por erros de muitos adeptos dos partidos históricos; e, quer por ouvir ler os jornais, quer pela leitura que deles fiz, em breve, já estudante do Liceu de Aveiro, me inteirei da coisa política e me achei entre a grande massa dos estudantes republicanos, que livre e assiduamente assistiam a comícios públicos de propaganda, a conferências pronunciadas nos centros republicanos e, até, a sessões de congressos do Partido Republicano Português, nos quais participavam antigos e categorizados monárquicos, como Bernardino Machado, Anselmo Braamcamp Freire, Augusto José da Cunha e outros, que, desgostosos com a orientação da política, tinham resolvido ingressar nas hostes republicanas.

O Franquismo, verdadei-

Continua na página 3

Secretaria Notarial de Aveiro

Primeiro Cartório

Certifico que, para efeitos de publicação, que por escritura de vinte e dois de Agosto de mil novecentos e sessenta, foi constituída entre José Mendes de Sousa Ramos e Manuel Simões Gamelas uma sociedade por quotas sob a firma Ramos & Gamelas, Limitada, a qual se regerá pelo constante das cláusulas seguintes:

PRIMEIRO — A sociedade adopta a firma Ramos & Gamelas, Limitada, fica com a sede em Aveiro e domicílio a estabelecer; a sua duração é por tempo indeterminado, poderá criar e montar sucursais, agências, filiais ou outras formas de representação e o seu início conta-se a partir desta data.

SEGUNDO — O seu objecto é o comércio de aparelhagem e maquinaria usada, assim como de detritos e resíduos aproveitáveis por processos industriais, podendo, contudo, explorar qualquer outro ramo de comércio ou indústria em que os sócios acordem e seja permitido por Lei, inclusive importações, exportações, comissões, consignações e representações.

TERCEIRO — O capital social já realizado em dinheiro e entrado na caixa social é de cinco mil escudos, e corresponde à soma de duas quotas de dois mil e quinhentos escudos, pertencendo uma a José Mendes de Sousa Ramos e a outra a Manuel Simões Gamelas e deverá ser aumento na mesma proporção assim que o desenvolvimento da sociedade o exigir.

QUARTO — Não serão exigíveis prestações suplementares de capital. Contudo, qualquer dos sócios poderá fazer à caixa social o suprimentos de que esta carecer, mediante condições e cláusulas a exarar em acta.

QUINTO — Os sócios não poderão ceder a sua quota, no todo ou em parte, a outro sócio ou a estranhos sem consentimento da sociedade, que terá em primeiro lugar direito de preferência na sua aquisição, direito que, se a sociedade não puder ou não quiser usar, pertencerá em segundo lugar aos sócios e, se mais de um usar desse direito, será a quota alienada dividida entre os que preferirem na proporção das quotas que já possuirem. Quando nem a sociedade nem os sócios usem do referido direito, poderá a quota ou parte dela ser cedida livremente.

§ 1.º — O sócio que pretender ceder toda ou qualquer parte da sua quota, comunicá-lo-á à gerência por carta registada, com aviso de recepção, a qual convocará, para dentro de quinze dias, a Assembleia Geral dos sócios e, nesta, quer a sociedade, quer os sócios, deliberarão sobre o consentimento e o exercício ou não do direito de preferência.

§ 2.º — O preço a pagar pela quota alienada, no caso do exercício de preferência pela sociedade ou de opção, pelos sócios, será o valor real e efectivo estabelecido nos termos do parágrafo primeiro do artigo oitavo, com referência ao último balanço aprovado.

SEXTO — A amortização de quotas é permitida nos seguintes casos: *a)* Por acordo; *b)* Quando qualquer sócio, sem autorização expressa da sociedade, intervier directa ou indirectamente em negócios estranhos que lhe possam fazer concorrência; *c)* Quando qualquer quota tenha sido arrestada ou penhorada e, em virtude de processo judicial, se tenha de proceder à sua venda; *d)* Quando qualquer sócio promova arrolamento dos bens sociais.

§ ÚNICO — O valor da amortização a efectuar nos termos das alíneas *b)*, *c)* e *d)*, será o determinado de harmonia com o parágrafo primeiro do artigo oitavo, com referência ao último balanço aprovado.

SÉTIMO — Os sócios José Mendes de Sousa Ramos e Manuel Simões Gamelas ficam nomeados gerentes, com dispensa de caução e representarão a sociedade em Juízo e fora dele, activa e passivamente, sendo necessário, para que a sociedade fique obrigada, que os respectivos documentos sejam em nome dela assinados pelos dois, excepto em cheques, vales do correio, concursos, correspondência e expediente, em que bastará a assinatura de qualquer deles.

§ 1.º — O exercício da gerência poderá ser retribuído em condições a exarar em acta.

§ 2.º — Nenhum dos sócios poderá, nem mesmo sob seu nome individual, aceitar letras, sacá-las de favor, contrair a obrigação de fiador ou abonador ou qualquer outra responsabilidade que possa, directa ou indirectamente, afectar os interesses sociais.

OITAVO — Em trinta e um de Dezembro de cada ano, será dado um balanço geral a todos os negócios da sociedade, que deverá estar concluído e aprovado nos noventa dias subsequentes e os lucros líquidos nele apurados, depois de deduzidos cinco por centro, pelo menos, para fundo de reserva, ou os prejuízos serão divididos ou suportados pelos sócios na proporção das suas quotas.

§ 1.º — Na Assembleia Geral para apreciação e aprovação das contas, será fixado o factor de correcção positivo ou negativo a aplicar ao valor nominal das quotas, acrescido da parte correspondente dos fundos existentes, para a determinação do valor real e efectivo das mesmas quotas.

§ 2.º — Em nenhum caso será permitida a transferência de lucros para a conta suprimentos e sòmente serão levantados desde que não prejudique a boa marcha dos negócios da sociedade e seja autorizado por unanimidade em Assembleia Geral, idêntica autorização carecendo os levantamentos por conta dos suprimentos.

NONO — Ocorrendo o falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, a sociedade prosseguirá com o restante ou restantes, devendo os herdeiros ou representantes do sócio falecido ou interdito nomear de entre si um que a todos represente na sociedade enquanto a quota se mantiver indivisa, sem o que não terão nela qualquer ingerência.

DÉCIMO — A sociedade apenas se dissolverá nos casos legais e em qualquer caso de dissolução serão liquidatários os sócios, procedendo-se à liquidação e partilha conforme acordarem e for de Direito.

DÉCIMO PRIMEIRO — As convocações das assembleias gerais serão feitas por cartas registadas, com aviso de recepção, expedidas com oito dias de antecedência, pelo menos, salvo nos casos para que a Lei exija forma especial de convocação.

§ ÚNICO — São permitidas as deliberações por escrito e o mandato de um sócio a outro para o representar nas assembleias gerais pode ser conferido por simples carta dirigida à sociedade.

DÉCIMO SEGUNDO — Para as questões que possam emergir deste contracto, entre os sócios, seus herdeiros ou representantes ou entre qualquer deles e a sociedade, fica estipulado o Foro de Aveiro, com expressa renúncia a qualquer outro, e mais estipulado ainda fica que, antes de se recorrer a Juízo, serão os casos submetidos a uma arbitragem particular, para que se tente conciliação. O litígio, tendo primeiramente sido apreciado em Assembleia Geral, será submetido a um único árbitro escolhido por acordo de ambas as partes. Na falta deste acordo, cada uma das partes escolherá o seu árbitro, sendo o árbitro de desempate nomeado por acordo de ambas as partes ou escolhido pelo Juiz da Comarca de Aveiro, em caso de falta de acordo. Sòmente na impossibilidade de se conseguir o desempate se recorrerá a Juízo.

DÉCIMO TERCEIRO — Em tudo o omisso e não previsto regularão as disposições da Lei de onze de Abril de mil novecentos e um e mais legislação aplicável.

Aveiro, Secretaria Notarial, um de Setembro de mil novecentos e sessenta

O Ajudante de Secretaria,

Raul Ferreira de Amaral

SECRETARIA JUDICIAL

Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Faz saber que por este Juízo, Primeira Secção, correm éditos de dez dias, a contar da data da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores da massa falida da firma Morgado & Pinho, Limitada, com sede em Esgueira, para, no prazo de dez dias, contados do termo do prazo dos éditos, contestarem, querendo, o pedido feito pelo Meritíssimo Juiz Adudante do Procurador da República nesta Comarca, constante do duplicado da petição inicial que se encontra patente na Secretaria para exame.

Aveiro, 27 de Julho de 1960

O Juiz de Direito,

Carlos Vilas-Boas do Vale

O Chefe de Secção, interino,

António José Robalo de Almeida

Litoral ● Aveiro, 1-10-1960 ● N.º 310

5 de OUTUBRO

Continuação da primeira página

ramente implantado em 1907, ia produzindo, mais e mais, a exacerbação do movimento republicano contra a Monarquia.

Já estudante liceal no Porto, senti-me, como todos os republicanos, sacudido pela repressão do movimento revolucionário de 28 de Janeiro de 1908, em que intervieram muitos antigos monárquicos, e não me surpreendeu o lamentável regicídio de 1 de Fevereiro seguinte, mais aplaudido pelos monárquicos contrários à política ditatorial de João Franco, do que pela maioria dos republicanos.

Fui testemunha da primeira visita que o simpático e infeliz D. Manuel II fez ao Porto, em Novembro daquele ano, — tão apoteótica, que à primeira vista parecia inabalável o trono dos Braganças, embora muita gente sentisse que ele se mantinha de pé, sim, mas sobre terreno profunda e fortemente minado.

E o tempo foi correndo...

Em fins de Setembro de 1910, após as cerimónias da comemoração do 1.º centenário da batalha do Buçaco, a que presidira, afirmou D. Manuel II ter conquistado o exército português; mas dois dias antes, como por escrito já tive o ensejo de referir, um simples lavrador da minha aldeia natal, senhor da gravidade da situação e a quem as circunstâncias haviam posto em presença do Rei, quando este ali passava de automóvel, ido de Carregosa para o Buçaco, — ingènuamente lhe dissera na ocasião da despedida, batendo-lhe familiarmente com a mão no ombro:

— Tenha cautela com a República!

*

Parti para Lisboa, a fim de iniciar os estudos do Curso Superior de Letras, no dia 30 de Setembro, isto é, três dias depois da estada de D. Manuel II no Buçaco. Foi-me dado, portanto, viver todos os acontecimentos que em Outubro ali se deram: no dia 1, chegada do Marechal Hermes da Fonseca, Presidente eleito do Brasil, recepção oficial e manifestações públicas; em 3, assassínio do Dr. Miguel Bombarda e manifestações de carácter republicano, reprimidas pela Polícia; no dia 4, de madrugada, eclosão do movimento revolucionário, que na véspera, ao jantar, me fora anunciado por um estudante do Instituto, meu comensal, que depois reconheci estar no segredo da conjura; no dia 5, quase sem derramamento de sangue, implantação da República, logo aceite com todo o entusiasmo pelo País inteiro.

A apreciação dos sucessos políticos que culminaram com a mudança das Instituições em 5 de Outubro de há cinquenta anos tem sido feita por alguns pseudo-historiadores com um facciosismo que toca as raias da desfaçatez. E o pior é pretenderem insinuar no espírito da juventude ideias que inteiramente a afastam da verdade dos factos.

O que vi e observei foi coisa muito diferente do que tais narradores, ao sabor da sua parcialidade, se comprazem em afirmar.

No dia 3 de Outubro, levado pela curiosidade despertada pela confidência do aludido estudante, estive até cerca da meia-noite defronte do Café do Gelo, no Rossio, donde, segundo aquele, deveriam sair vários conspiradores civis com destino a um dos regimentos sublevados, a fim de receberem armamento.

Convencido de que nenhum fundamento tinha a informação, recolhi a casa; mas à 1 hora da madrugada acordei, estremunhado, ao som de canhoneio no Tejo. Levantei-me e saí. Nas ruas e às janelas, muita gente fazendo comentários e exprimindo o desejo de bom êxito para a revolução.

Ao clarear da manhã, resolvi ir informar-me dos acontecimentos a casa de um amigo que morava perto do antigo Teatro do Príncipe Real e interviera no sufocado movimento de 28 de Janeiro de 1908. Contràriamente ao que eu supusera, encontrei-o tranquilo, tão ignorante como eu...

Apressei-me a regressar ao meu Bairro, e foi com dificuldade e grandes apreensões que fiz a travessia da Praça da Figueira para a Rua Nova do Almada, pois as embocaduras das ruas Augusta, Arco do Bandeira e do Oiro estavam guarnecidas de forças com metralhadoras em acção e era preciso atravessar à pressa, no intervalo do tiroteio.

Todo esse dia 4 foi de dolorosa expectativa para a gente do meu Bairro, sem a possibilidade de alguém se arriscar a descer à Baixa. Os principais pontos de observação eram as Escadinhas da Mãe d'Água e o jardim de S. Pedro de Alcântara, donde alguma coisa se poderia descortinar para a Avenida da Liberdade, a cujo cimo estavam as principais forças revolucionárias.

Deitei-me tardíssimo, completamente extenuado.

No dia 5, levantei-me muito cedo. Atravessei o Bairro Alto; segui por S. Pedro de Alcântara; desci ao Largo de S. Roque... Aí, tive de me refugiar no vão de uma porta. Terminado o tiroteio que interrompera o prosseguimento das minhas pesquisas, meti pela Rua da Misericórdia, onde ficavam as instalações do jornal «O Mundo», a mais avançada das gazetas republicanas, a cuja entrada vi o cadáver de um homem, que me disseram ser o porteiro desse periódico, vítima de recente rajada de metralhadora.

Atingido, pelo Calhariz, o jardim do Alto de Santa Catarina, aí encontrei compacta multidão de pessoas, de olhos fitos no Tejo. O cruzador *D. Carlos* salvava a terra, sinal de que se rendera aos revolucionários.

Passado pouco tempo, aparece uma mulher, açodada, a dar a notícia de que a República havia sido proclamada, pouco antes, das varandas da Câmara Municipal!

Não quis ouvir mais. Passando pelo *Mundo*, aí soube da constituição do Governo Provisório. Desci, em seguida, pela Calçada da Glória, à Avenida da Liberdade, tomada por enorme multidão. Um delírio! A alegria lia-se em todos os rostos. Pessoas que nunca se tinham visto abraçavam-se com efusão. Por toda a parte, surgiam bandeiras verde-rubras, que também se divisavam em inúmeras janelas.

Prosseguindo, achei-me defronte do quartel-general, instalado no Palácio dos Almadas, no Largo de S. Domingos. Nesse momento, um marinheiro, subido à extremidade de uma escada de bombeiros, acabava de içar, na ponta do mastro, uma bandeira e, tirando o boné, exclamou:

— Viva a República!

Frenéticas salvas de palmas da multidão coroaram as palavras do marujo.

Organizou-se então um cortejo que eu não sabia aonde se destinava. Nele me incorporei, e todo aquele mar de gente, empunhando centenas e centenas de bandeiras, seguiu atrás de uma banda — creio que da Guarda Municipal — entoando ao som dela as estrofes da «Portuguesa». O cortejo marchou através do Rossio e Rua do Oiro e foi dissolver-se em em frente da Câmara Municipal. Das janelas, soltavam-se vivas, batiam-se palmas, agitavam-se bandeiras e lenços.

Nos dias seguintes, não abandonei a Baixa, a observar os variadíssimos aspectos que ela ia tomando. Farroupilhas de guarda aos bancos; civis, empregados

Conclui na página 4

A República ao serviço da Nação

Continuação da primeira página

circunscrever-se ao limitado âmbito da crítica formal ao sistema que condena ou expandir-se em exuberâncias dialécticas no domínio puramente ideológico, alheio às realidades aos problemas da nossa época.

Estes são hoje muito mais vastos e complexos, com soluções diferentes daquelas que em 1910 se ofereciam ao espírito dos políticos, isentos de implicações de ordem económica e social. Ao político exige-se hoje, para uma acção governativa eficiente e harmónica com o espírito da nossa época, uma mentalidade superior, formada no conhecimento dos vários ramos de saber e informada das possibilidades das várias técnicas para a realização de uma obra construtiva, que acompanhe o ritmo da nossa civilização. Não se pode perder tempo com discussões estéreis, que cavem mais fundas separações em campos antagónicos, porque o que se torna, acima de tudo, indispensável, é a clara compreensão sociológica dos factos, com espírito de imparcial Justiça para todos.

O que é preciso é fazer uma República hodierna, com largueza de espírito e generosa tolerância, em perfeita identidade com as ideias e aspirações actuais.

República que corresponda às realidades do presente e que saiba resolver os problemas de que dependem o futuro da Nação e a felicidade do povo.

É no estudo desses problemas que se forma uma mentalidade nova e se criam as fecundas energias que dão à República a força renovadora que lhe permite realizar a sua missão, garantindo a continuidade de Portugal no caminho do progresso. Sob a sua égide, encaremos com fé o Futuro, sem esquecer o Passado, naquilo em que ele possa ser lição e experiência.

É com o conhecimento do Passado, que o mesmo é dizer, com o conhecimento da história, e vogando confiantes para o Futuro, que as novas gerações republicanas se devem orientar.

Saber onde está e para onde vai, conhecer os problemas concretos da nossa época e as soluções que importa dar-lhes, é uma condição primacial dos novos, para a missão de «continuar Portugal» pelo esforço corajoso da sua fé e pelas luzes do seu espírito, forjado nas ideias do nosso tempo.

As novas gerações republicanas têm de acompanhar o ritmo do progresso e caminhar para a frente, com coragem, com fé e energia, no culto do seu ideal de Solidariedade, de Justiça e de Amor, que lhes dá mais do que o honroso título de nacionalidade, porque as abarca no vasto e fraterno cosmopolitismo de cidadania universal.

João Corrêa Guimarães

Evocação e Preito

Continuação da primeira página

independência, não poderia calar, no cinquentenário dum tão relevante acontecimento histórico, a recordação do dia 5 de Outubro de 1910.

É irrecusável tributo de todos os Portugueses homenagear os grandes Portugueses que, com quaisquer armas ou quaisquer ideias, se bateram por um Portugal Maior; por isso aqui fica a nossa modesta mas sentida palavra evocativa; mas queremos que ela signifique também o mais veemente desprezo por quantos se serviram ou servem da República, em vez de pela República procurarem servir os supremos interesses da Nação.

Seja esta a hora de recolhimento para todos os Portugueses; de contrição para todos os maus portugueses; e de paz e de harmonia e de tolerância e de magnanimidade e de fé na grande Casa Lusitana.

Uma expressiva e vigorosa alegoria à Revolução do 5 de Outubro de 1910

Hora de Inverno

Nos termos da Lei, o regime da chamada **Hora de Inverno** *entra em vigor no primeiro domingo de Outubro.*

Assim, os relógios devem ser atrasados 60 minutos às 3 horas da madrugada de amanhã, dia 2.

Pela Câmara Municipal

Conselho Municipal

Em sessão continuada, no dia 22 do corrente, o Conselho Municipal concluiu a análise do Anteplano de Urbanização, aprovando-o na generalidade.

Algumas das suas disposições, bem como algumas observações que lhe foram feitas, foram aprovadas por maioria.

Mercado de Esgueira

Atendendo uma representação da Junta de Freguesia de Esgueira, a Câmara Municipal deliberou criar ali um mercado que funcionará três dias por semana no terreno que a Junta possui na Rua das Cardadeiras.

Regimento de Infantaria 10

Foi comunicado à Câmara Municipal que, por despacho de 9 do corrente, o sr. Ministro do Exército determinou que se publicasse no *Diário do Governo* a declaração de utilidade pública da expropriação dos prédios pertencentes aos herdeiros de D. Máxima Rangel de Quadros e a João Ferreira, necessários à ampliação do quartel do Regimento de Infantaria n.º 10.

Pelo Museu Regional

Dr. João Couto

Na tarde de domingo último, visitou o nosso Museu o sr. Dr. João Couto, ilustre Director do Museu Nacional de Arte Antiga.

Dr.ª Maria José de Mendonça

Também visitou, no sábado, o Museu Regional de Aveiro a sr.ª Dr.ª Maria José de Mendonça, distinta Conservadora do Museu Nacional de Arte Antiga, que, até há pouco, dirigiu, com muita proficiência, o serviço de Belas Artes da Fundação Calouste Gulbenkian, onde efectivou a programação do Museu a construir e organizou as exposições de Artes Plásticas e a do Centenário da Rainha D. Leonor.

À sr.ª Dr.ª Maria José de Mendonça — uma das maiores autoridades no estudo especializado das nossas colecções de tapeçarias, paramentos e outros têxteis, fundadora e orientadora da Oficina de Restauro de Têxteis do Instituto de Restauro de Lisboa — mereceu um interesse muito particular toda a colecção de tecidos e paramentos que se guardam no Museu aveirense.

Prof. Luís Reis Santos

Esteve presente à inauguração do certame em que se mostraram os trabalhos realizados em Aveiro pelos componentes da XXIII Missão Estética, o sr. Dr. Luís Reis Santos, erudito Professor de História de Arte da Universidade de Coimbra, e Director do Museu Machado de Castro.

Mário de Sampayo Ribeiro

Também vimos, na abertura da referida exposição, o ilustre académico de número da Academia Portuguesa de História, distinto musicógrafo e nosso apreciado colaborador Mário de Sampayo Ribeiro.

XXIII Missão Estética

Tem sido muito visitada e apreciada a exposição de trabalhos realizados em Aveiro pelos estagiários da XXIII Missão Estética de Férias, patente, como oportunamente anunciámos, no Museu Regional.

O certame encerrará em 10 de Outubro corrente.

Pela Capitania

Movimento marítimo

★ Em 22, procedente de Lisboa, entraram a barra o rebocador *Aveiro* e o navio-tanque *Cláudia*, este, com 770 toneladas de gasolina super.

★ Em 23, vindos de Viana do Castelo, demandou a barra, o rebocador *Setúbal*, draga *Citânia* e batelão *1-B*, tendo saído, com destino a Lisboa, o rebocador *Aveiro* e navio-tanque *Cláudia*.

★ Em 24, procedentes de Leixões, entraram o rebocador *Guadiana* e batelão *8-C*.

★ Em 26, com destino a Leixões, saiu o rebocador *Guadiana*.

Abertura das aulas

Abrem hoje oficialmente as aulas do novo ano lectivo nos liceus e escolas técnicas.

★ No Liceu Nacional de Aveiro, que conta, nos três ciclos, 1344 matrículas, realiza-se hoje, pelas 15 horas, no ginásio, uma sessão solene, em que o distinto professor sr. Dr. Francisco de Assis Ferreira da Maia proferirá a *Oração de Sapiência*, subordinada ao tema «O Infante Santo Condestável».

★ A Escola Técnica de Aveiro registá, este ano, nos seus diversos cursos, 1370 matrículas.

Novos estabelecimentos

★ Ao número 76 da Rua dos Combatentes da Grande Guerra abre, hoje, a *Casa 33* — com acessórios de Farmácia, perfumarias, artigos desportivos e rádios —, que pertence à firma Adriano Pires & Filho.

★ Na Rua dos Marnotos, 15, abre hoje a *Electro Aveirense* — casa de bobinagem e serviços eléctricos — de que é proprietário o sr. Manuel Oliveira de Jesus.

5 de OUTUBRO

Conclusão da página três

na manutenção da ordem; marujos armados, em rusgas por toda a parte, na tarefa de apreender armamento e de revistar os transeuntes; manifestações de regozijo; polícias e oficiais fora do serviço, a ostentar no braço as cores nacionais.

★

A revolução não tirou desforço algum dos inimigos da véspera. Como escreveu João Chagas, «a revolução triunfante esqueceu num dia todo o seu passado de sangue, de lágrimas e dores. Esqueceu tudo». Logo no dia 6, de manhã, pôde o povo ler, pregado por toda a parte ou entregue em mão, o aviso subscrito pelo governador Civil de Lisboa, Eusébio Leão, que dizia textualmente: — «**República Portuguesa — Pátria e Liberdade. — Governo Civil de Lisboa.** *Para garantir a liberdade individual, condição necessária da segurança social e da honra do povo republicano, faz-se saber a todos os cidadãos que é indispensável haver todo o respeito pelas pessoas dos polícias, dos soldados municipais e dos padres, assim como de indivíduos de qualquer outra condição, castigando-se rigorosamente qualquer desacato que se pratique*».

No dia 7, em proclamação dirigida *Ao Povo de Lisboa*, o Governo Provisório convidava os revolucionários a deporem as armas, confiando na acção da força armada, que de todos os cantos do País aderia ao advento das novas Instituições, e a regressarem ao trabalho. Eis os primeiros períodos dessa proclamação: — «*A atitude do povo tem sido admirável de serenidade e cordura. Após o acto revolucionário, em que ele foi de uma bravura antiga, sucedeu-se o entusiasmo da vitória, em que ele se tem comportado como um triunfador generoso, que fez da nobreza de sentimentos o mais belo padrão da sua glória legendária. Mas é preciso regressar ao trabalho fecundo, que será, com uma moralidade severa, a base da nossa regeneração. Por isso o Governo Provisório convida todos os grupos revolucionários e forças populares não militarizadas a entregarem as armas às comissões paroquiais*».

No dia 16, domingo, realizou-se o funeral, nacional, de Miguel Bombarda e de Cândido Reis — Almirante Reis —, alma do movimento, que na madrugada do dia 4, julgando-o perdido, se suicidara para os lados de Arroios. Espectáculo impressionantíssimo! Durante três horas consecutivas, assisti, na Avenida da Liberdade, ao desfile do imponente cortejo, que era, ao mesmo tempo, homenagem a dois obreiros da revolução e glorificação do regimen nascente.

★

Evocando, passados cinquenta anos — alguns política ou socialmente tormentosos —, o que de perto observei, presto a minha humílima homenagem à memória dos fundadores da República, a quem as circunstâncias nem sempre permitiram que o sonho em que durante a propaganda haviam sido embalados se tornasse realidade — muitos dos quais ascenderam a altos postos e deles saíram mais pobres —, e quero frisar, com toda a justiça, a isenção e pureza da sua actuação, já hoje aliás reconhecidas por espíritos insuspeitos e imparciais, e a sua fecunda acção política e social, a que a História não negará, por fim, a serenidade do seu veredicto.

José Pereira Tavares

A Produção de Sal em Aveiro

Assinada por numerosos marnotos do Salgado de Aveiro, recebemos a carta que abaixo se transcreve. Dispensamo-nos de fazer-lhe quaisquer comentários, pois ela é suficientemente clara e expressiva. Apenas esclarecemos que o Diário de Coimbra *de anteontem publicou já um desmentido, subscrito por um produtor de sal da Ria de Aveiro, à notícia que naquele jornal foi dada à estampa e a que alude a carta que vamos reproduzir:*

Ex.^mo sr. Director do *Litoral:*

No «Diário de Coimbra», de 19 de Setembro corrente, foi publicada a seguinte notícia:

«Terminou a safra do sal nas marinhas de Aveiro — *Aveiro — A chuva que começou a cair de súbito ao alagar as marinhas, terminou pràticamente com a safra de sal este ano bastante animadora.*

Os proprietários e marnotos das referidas marinhas ficaram particularmente satisfeitos com a produção conseguida nos últimos trinta dias».

O semanário «Correio do Vouga», no seu número de 24 deste mês, publicou uma notícia semelhante:

«A safra do sal — *A chuva que começou a cair de súbito há dias, ao alagar as marinhas, terminou pràticamente com a safra do sal, este ano bastante animadora.*

Os proprietários e marnotos ficaram particularmente satisfeitos com a produção conseguida nos últimos trinta dias».

Estas notícias, cujos termos denunciam uma origem comum, são sabidamente inexactas e podem acarretar sérios prejuízos aos proprietários e marnotos do Salgado de Aveiro, tão duramente e injustamente sacrificados.

Segundo os manifestos efectuados no Grémio da Lavoura, a produção foi, até 31 de Agosto de 1960, de cerca de 33 000 toneladas; desde então e até ao fim da safra, a produção está calculada em cerca 9 000 toneladas.

Produziram-se, assim, à roda de 42 000 toneladas — menos 11 000 do que a safra do ano passado, que já de si não atingiu a média da produção das marinhas de Aveiro.

Só isto, ao preço, absolutamente desactualizado, de 200$00, acarreta aos proprietários e marnotos um prejuízo, em relação à safra anterior, de 2 200 contos.

Já se vê que a safra deste ano não foi nada animadora e que os proprietários e marnotos não estão nada satisfeitos.

Os signatários pedem a V. Ex.ª se digne fazer no «Litoral» a necessária rectificação, e permitem-se significar que não será favor da Imprensa dizer a verdade e defender os legítimos interesses dos proprietários e marnotos.

Queira V. Ex.ª, Senhor Director, aceitar os cumprimentos dos signatários.

Aveiro, 26 de Setembro de 1960

Faleceram:

Em 21 — A sr.ª D. Noémia Matias de Melo. A saudosa extinta era mãe do sr. Cesário da Graça e Melo; e avó da sr.ª prof.ª D. Maria Alice Rodrigues da Graça e Melo, e dos meninos Maria Irene, Cesário Humberto e Armando Jorge Rodrigues da Graça e Melo.

Em 27 — Com 3 anos de idade, e vítima de asfixia, por ter enfiado a cabeça num saco de plástico, o menino José Manuel Cerqueira.

— Na madrugada do mesmo dia, e após prolongado sofrimento, a sr.ª D Maria Celestina Moreira Martins. Deixou viúvo o sr. Alberto de Deus da Loura Rafeiro; era mãe da menina Maria Isabel Martins Rafeiro, aluna da Escola do Magistério Primário Particular de Aveiro, e cunhada dos srs. Francisco e Albertino Pereira Campos e 1.º Sargento Júlio Matos da Silveira.

Às famílias enlutadas os pêsames do Litoral

Agradecimento

Angélica da Conceição Marques, madrinha do inditoso menor José Manuel Cerqueira, e mais família agradecem, por este meio, muito reconhecidamente, a todas as pessoas que as acompanharam na sua dor.

Aveiro, 30 de Setembro de 1960

cartões de visita

FAZEM ANOS

Hoje — As sr.^as prof.ª D. Maria Claudette da Silva, filha do sr. Mário de Melo e Silva, D. Maria Odete Praça de Almeida Cruz, esposa do sr. Mário João Pinto da Cruz, e D. Arminda Ferreira Martins, esposa do sr. Luís de Melo Alvim; o sr. Dr. Manuel Simões Julião; e o menino Júlio Rocha Guerra, filho do sr. Aurélio Guerra.

Amanhã — As sr.^as D. Maria José Gamelas, esposa do sr. Carlos Grangeon Ribeiro Lopes, e D. Camila Adelaide Monteiro Baptista Mexia de Mattos, residente em Évora; os srs. Manes Nogueira Júnior, Francisco Limas, D. Duarte de Lemos Manoel (Atalaya) e Sílvio de Sousa Moreira, aveirense residente na cidade da Beira (Moçambique); e as meninas Maria de Fátima Dias Rodrigues Leitão, filha do nosso apreciado colaborador e Vice-presidente da Câmara Municipal Dr. Humberto Leitão, Maria Teresa Figueiredo de Resende Feio, filha do 2.º Sargento sr. José de Resende Feio, e Maria Teresa de Oliveira Pinto, filha do sr. José da Cruz Pinto.

Em 3 — As sr.^as D. Elizette Aleluia de Oliveira, esposa do sr. Dr. João Lapa de Oliveira, D. Estela Fernandes Vieira, esposa do sr. Manuel Pimenta Vieira, e D. Conceição Abrunhosa Teles Miranda, esposa do sr. Manuel Monteiro Miranda, e a estudante universitária Ana Paula Martins Ramalheira, filha do sr. Dr. Paulo Ramalheira.

Em 4 — A sr.ª D. Laura Dias de Almeida, esposa do sr. Baptista Moreira; o sr. Manuel Joaquim Pinto, oficial da Marinha Mercante; e a menina Maria de Fátima Jerónimo Marques, filha do sr. Manuel da Fonseca Marques.

Em 5 — A sr.ª D. Maria José Marques da Silva Magano, esposa do nosso distinto colaborador Prof. Dr. Fernando Magano, Vice-Reitor da Universidade do Porto; D. Virgínia Nogueira Santana, esposa do sr. Capitão Joaquim José Santana, D. Etelvina da Costa Ferreira, esposa do sr Dr. Acácio Valente, D. Elisa da Siva Reis, esposa do sr. António Gonçalves Pinho Vinagre, e D. Maria Virgínia Trindade Graça; e o sr. Dr. Alberto de Sousa Machado Ferreira Neves.

Em 6 — As sr.^as D. Elisa Amélia Taborda e Silva e D. Eduarda Pereira Osório; o sr. Luís Augusto de Almeida Neves; o estudante João Duarte Silva Pereira Peixinho; as meninas Zenaida Maria, filha do sr. Rui Torres Villas, e Susana Maria, filha do sr. Cap. João António Ferreira Fernandes; e o menino Américo Manuel, filho do sr. João Gonçalves da Costa.

Em 7 — A sr.ª D. Maria da Purificação Oliveira, esposa do sr. José de Oliveira, ausentes na cidade da Beira (Moçambique) o sr. prof. João de Pinto Neto Brandão, de Eixo; e a menina Maria Helena da Apresentação dos Santos Gadim, filha do sr. Floriano Games Gadim.

BAPTIZADO

Na Sé Catedral, no pretérito domingo, realizou-se o baptizado da primeira filhinha do casal da sr.ª D. Maria Rosalina Graça da Silva e do sr. António de Oliveira Reis.

A menina recebeu o nome de Maria de Fátima. Serviram de padrinhos, seus tios, sr.ª D. Maria Manuela de Oliveira Reis e sr. Carlos Santos.

NA REDACÇÃO

★ Dignou-se apresentar-nos cumprimentos de despedida o pintor Eduardo Zink, estagiário da XXIII Missão Estética.

Aqui renovamos os nossos agradecimentos pela amável deferência.

★ Tivemos o grato prazer de abraçar o aveirense Fernando da Rocha, recentemente regressado de Leopoldville, com sua esposa e filha.

PARA LISBOA

Anteontem, e após um mês de merecidas férias nesta cidade, regressou a Lisboa o nosso conterrâneo e bom amigo José Maria Pires Saraiva da Fonseca, funcionário da Junta de Acção Social do Ministério das Corporações e Previdência Social.

DOENTES

★ Já retomou as suas actividades, após a intervenção cirúrgica a que teve de submeter-se, o artista aveirense, estudante de Direito e nosso colaborador Gaspar de Melo Albino.

UM CONTO NEGRO

Continuação da última página

pronto, olhou, e agora abana a cabeça. Burguês!

Tenho o nariz frio. É de estar encostado aos vidros da janela. Eles até estão embaciados. Por fora estão todos molhados da chuva. A água escorre por eles em gotas mais grossas no fim. Ali vem uma gota pequenina a descer. Lentamente. Mais grossa. Mais depressa... E' engraçado. Agora são duas. Uma de cada lado do vidro. Qual chegará primeiro cá abaixo? A da esquerda? Aposto na da direita. Vai ganhar... Anda... mais depressa... Bolas! Perdi! Está um vulto parado naquela porta. Teria vindo de baixo, ou de cima? É um homem, e também está de fato preto. De noite toda a gente está vestida de preto. Parece velho... não, é de estar todo encolhido. Deve esperar alguém.

Já estou cheio de sono... Vou dormir. Mas que estará o homem ali a fazer?

O vidro é frio. Se encostar nele a cara, não durmo. Ele deve estar todo encharcado. Estou cheio de sono, vou fechar os olhos, só um bocadinho.

Pronto, não dormi. O homem ainda lá está. Vou fechar os olhos outra vez. E se adormeço? Fecho os olhos e conto até três. Um... dois... três. Ainda lá está, mas sentou-se no chão. Molha-se todo. É um pedinte, não tem casa. Vai dormir ali, à chuva. Aquela porta deve ser pior do que uma cama de faquir.

Que sono eu tenho! Gostava de ver a cara do homem. Vou fazer corridas com as gotas de chuva. Tenho sono. Que cara terá ele? Vou fechar os olhos outra vez, e contar até vinte. Um... queria ver-lhe a cara... dois, assim adormeço, três... se eu andasse, ia lá, quatro... queria ver-lhe a cara... cinco, e se apostasse nas gotas de chuva, seis... estou cheio de sono... sete, que cara... oito...

Sales Gomes

Problemas de interesse para o lavrador

Interesse prático das análises da terra

O uso criterioso dos adubos químicos pressupõe uma prévia análise de terras, destinada a avaliar da necessidade em elementos minerais das «folhas» que vão ser submetidas à cultura. E', pois, vantajoso que o resultado destas análises chegue ao conhecimento do agricultor com a necessária antecedência, de forma que sirva de base à compra dos fertilizantes mais adequados na exploração.

Não queremos dizer, com estas primeiras linhas, que as análises de terra são a única fonte de informação de que o agricultor se pode servir; elas são apenas uma indicação utilíssima e indispensável, mas todavia insuficiente; há que lhes associar o conhecimento das exigências das plantas que se irão cultivar e ainda a ideia que ele próprio tem da fertilidade do terreno.

Verifica-se, assim, e dum modo geral, que para a escolha duma fórmula de adubação há que entrar em linha de conta com estes três factores (outros poderão surgir): um fornecido pela análise química; o segundo meramente teórico; e o terceiro relacionado com o grau de conhecimento que o proprietário possui da sua propriedade.

Recorre-se, por vezes, na análise de terras a métodos expeditos que não são mais do que simples adaptação dos processos químicos tradicionais, e que tem por finalidade determinar a riqueza em elementos minerais das amostras de terra que foram colhidas para o efeito. A designação destes métodos por «expeditos», só por si é suficiente para nos esclarecer no sentido de que devem ser usados apenas em último recurso; doutra forma, há sempre vantagem em que estas análises sejam efectuadas em laboratórios especializados de reconhecida competência.

Surgem porém ao agricultor logo que o boletim de análise chega à sua posse uma série de dúvidas, aliás justíssimas, sobre a quantidade e qualidade de adubos que há-de adquirir; o boletim de análise não só não os poderá especificar como também muito menos lhe indicará as quantidades a utilizar em determinada área.

Terá então o agricultor que consultar mais uma vez o técnico regional que porventura lhe aconselhou tal medida, além de que será, de facto, a personalidade mais indicada para, após o estudo das condições em que se irá fazer, estabelecer a fórmula de adubação mais conveniente.

Não devemos terminar este assunto sem frisar a necessidade da colheita de amostras de terras ser realizada de acordo com as normas vulgarmente aceites; caso este facto não se dê, a fórmula de adubação preconizada em função dos dados analíticos estará normalmente condenada a um insucesso.

As amostras de terra são por vezes acompanhadas de boletins designados de «consulta», com os quais se procura obter como que uma resenha cuidadosa da folha que se pretende adubar.

Com estes elementos, o próprio laboratório poderá então fornecer uma fórmula de fertilização que o agricultor seguirá ou adaptará de acordo com os seus próprios conhecimentos.

Continuação da página 7

Xadrez de Notícias

Com a entrada da Hora de Inverno, as partidas de futebol passam a iniciar-se às 13 horas (Reservas) e 15 horas (II Divisão Nacional e I Divisão Distrital).

A final do Campeonato Nacional de Motonáutica está marcada para Cascais, no próximo dia 5. No dia 9, e numa organização do Sporting de Aveiro, realizam-se, na Pateira de Fermentelos, provas daquela espectacular modalidade.

O Beira-Mar cedeu ao Salgueiros, por uma época, o seu avançado Raimundo, que, como referimos, foi impedido de se transferir para o Desportivo da Corunha. Uma das cláusulas do empréstimo daquele futebolista prevê a realização, em Aveiro, em 1 de Dezembro, dum encontro Beira-Mar — Salgueiros.

Na quarta-feira, O Mundo Desportivo *noticiou — ao que nos informam sem qualquer fundamento — que embarcara no «Uíge», com destino ao Beira-Mar, o futebolista Emílio Peyroteo.*

A partida de juniores Beira-Mar — Anadia, da jornada inaugural do respectivo torneio associativo aveirense, foi adiada de amanhã, para o próximo dia 5, pelas 10 horas.

O guarda-redes espanhol Venâncio Alonso, do Pontevedra, ingressou no Sporting de Espinho.

No próximo de 5, efectua-se um torneio de pesca entre desportistas frequentadores do Café Gato Preto. Será disputada a Taça Benedito.

Antonino Baptista, batendo, na final, Manuel Amorim, da Ovarense, conquistou para o Sangalhos o título de campeão de velocidade da Associação de Ciclismo de Aveiro. O torneio regional teve pouca concorrência de velocipedistas.

O encontro Sanjoanense — Beira-Mar, amanhã, será dirigido por uma equipa de arbitragem chefiada pelo portuense António Braga.

Jogos para AMANHÃ

CAMPEONATO NACIONAL

II DIVISÃO — 3.º dia

FEIRENSE-OLIVEIRENSE
CHAVES-BOAVISTA
PENICHE-CASTELO BRANCO
VIANENSE-CALDAS
MARINHENSE-UNIÃO
SANJOANENSE-BEIRA-MAR
GIL VICENTE-TORRIENSE

CAMPEONATOS DE AVEIRO

I DIVISÃO — 4.º dia

ARRIFANENSE-LAMAS
PEJÃO-ESPINHO
CESARENSE-CUCUJÃES
LUSITÂNIA-RECREIO
VISTA-ALEGRE-OVARENSE

RESERVAS — 4.º dia

ARRIFANENSE-PEJÃO
SANJOANENSE-LUSITÂNIA
LAMAS-FEIRENSE
BEIRA-MAR-RECREIO

JUNIORES — 1.º dia

FEIRENSE-CUCUJÃES
OLIVEIRENSE-ESPINHO
SANJOANENSE-ARRIFANENSE
RECREIO-VISTA-ALEGRE
ESTARREJA-OVARENSE

Sporting Clube de Aveiro

$3.^{as}$ e $6.^{as}$-feiras, pelas 18 horas.

Classe E (RAPARIGAS), para meninas dos 13 aos 15 anos, com aulas às $2.^{as}$ e $5.^{as}$-feiras, pelas 19 horas.

Classe F (RAPAZES), para rapazes dos 13 aos 15 anos, com aulas às $3.^{as}$ e $6.^{as}$-feiras pelas 19 horas.

● As aulas terão a duração precisa de 50 minutos.

● Todos os inscritos terão de se sujeitar a um exame médico; e só podem frequentar as aulas ginásticas depois de aprovados no aludido exame, que poderá fazer-se, a partir de 8 do corrente, em todos os dias úteis (com excepção das $4.^{as}$-feiras e sábados) das 18 às 19.30 horas, no Gabinete Médico do Liceu.

● A superior orientação dos cursos foi novamente confiada aos professores de Educação Física D. Maria Helena Paulo e António José Moleirinho Castanho.

Comentário Geral

— evidentemente — situações inatingíveis ou inultrapassáveis, três clubes se encontram auspiciosamente lançados: Sanjoanense e Oliveirense, com dois pontos ganhos «fora»; e Torriense, com um ponto positivo. Ao invés, Peniche e União, com dois pontos negativos, e Gil Vicente, com um ponto perdido, começaram indesejàvelmente...

No tocante ao Beira-Mar: a turma de Aveiro ainda não perdeu e ainda não ganhou — e podia bem encontrar-se agora com dois triunfos... A equipa não deu ainda, nas partidas que efectuou, indicação segura sobre o valor que realmente possui. O Beira-Mar, fatalmente, tem de subir imenso, tem de passar a produzir um outro rendimento bastante superior. Aveiro espera, confiadamente, que tal aconteça com a possível brevidade.

No entanto, bem se sabe que é sobremaneira difícil a tarefa que aguarda os futebolistas amarelo-negros: amanhã, seguem para S. João da Madeira; depois, recebem o Marinhense e vão, logo após, a Viana do Castelo... E' indubitàvelmente, uma série de três jogos imensamente perigosos, em que há imperiosa necessidade de se conseguirem pontos.

Leilão de Penhores

Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência

CASA DE CRÉDITO POPULAR

Aveiro

No dia 10 de Novembro p.º futuro, pelas 14 horas, proceder-se-á na Agência da Casa de Crédito Popular, na Figueira da Foz, ao leilão de penhores cujos contratos tenham um atraso superior a três meses no pagamento de juros. A Agência receberá juros até ao dia 7 de Novembro de 1960.

Secretaria Notarial de Aveiro

Primeiro Cartório

Certifico, para efeitos de publicação, que, por escritura de 24 de Setembro de 1960, lavrada a fls. 24.º, do livro n.º 369-A, do Notário do Primeiro Cartório da Secretaria Notarial de Aveiro, a cargo do notário Dr. Américo Gomes de Andrade e Oliveira, foi constituída entre Amantino Margaça Lopes, Manuel da Rocha Mateiro e a sociedade Sousa & Irmão, L.da, uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

PRIMEIRO — A sociedade adopta a firma «Sousas, Lopes e Mateiro, L.da», fica com a sua sede na mencionada freguesia da Gafanha da Nazaré, durará por tempo indeterminado e o seu começo conta-se desde hoje.

SEGUNDO — O seu objecto é o exercício da pesca da sardinha, bem como a exploração de qualquer ramo de comércio ou indústria não dependente de autorização especial, mediante deliberação da Assembleia Geral.

TERCEIRO — O capital social é de 200 000$00, integralmente realizado em dinheiro, formado pelas seguintes quotas: uma de 100 000$00 pertencente a «Sousa & Irmão, L.da»; uma de 50 000$00, pertencente ao sócio Amantino Marança Lopes; e uma de 50 000$00, pertencente ao sócio Manuel da Rocha Mateiro.

§ ÚNICO — Não são obrigatórias prestações suplementares, mas os sócios poderão fazer suprimentos à sociedade, nas condições estabelecidas em Assembleia Geral.

QUARTO — É livre a cessão de quotas à sociedade. A cessão de quotas a estranhos fica dependente de autorização por escrito dos sócios não cedentes. A estes, em caso de cessão, é reconhecido o direito de preferência, tanto por tanto. Se mais do que um sócio pretender a quota, esta será dividida entre os pretendentes na proporção das quotas que já possuirem e como for legalmente possível.

QUINTO — Todos os sócios são gerentes, dispensados de caução, distribuindo eles, entre si, os respectivos serviços, que poderão ser remunerados, se tanto for deliberado em Assembleia Geral.

§ 1.º — As assinaturas de dois gerentes obrigam a sociedade, mas uma dessas assinaturas tem de ser de um dos gerentes de «Sousa & Irmão, L.da».

§ 2.º — Fica vedado o uso da firma em documentos, actos e contractos estranhos aos negócios sociais.

SEXTO — Anualmente será dado balanço, reportado sempre a 31 de Dezembro anterior, e os lucros líquidos apurados, depois de separados 5 % para constituição ou reintegração do fundo de reserva legal, serão repartidos pelos sócios na proporção das suas quotas.

SÉTIMO — As assembleias gerais para a convocação das quais a Lei não exija determinadas formalidades, são convocadas por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de 10 dias. Da convocação constará sempre os assuntos a tratar.

OITAVO — Esta sociedade só se dissolverá nos casos e termos legais e, seja qual for o motivo da dissolução, à sua liquidação e partilha se procederá como os sócios resolverem e for de Direito.

NONO — Ocorrendo o falecimento ou interdição de um sócio, a sociedade continuará com os sócios sobrevivos e capazes e com os herdeiros ou representantes do falecido ou interdito, nomeando estes herdeiros ou representantes, de entre si, um que a todos represente nas relações com a sociedade.

DÉCIMO — Em todo o omisso regularão as disposições legais aplicáveis, designadamente as da Lei de 11 de Abril de 1901 e as deliberações dos sócios tomadas em Assembleia Geral.

Aveiro e secretaria Notarial, vinte e oito de Setembro de mil novecentos e sessenta

O Ajudante de Secretaria,

Raul Ferreira de Amaral

DESPORTOS

Secção dirigida por António Leopoldo

o SPORTING de AVEIRO e a GINÁSTICA

OPEROSOS e dinâmicos, os dirigentes do jovem mas prestigioso Sporting Clube de Aveiro, no prosseguimento das actividades de carácter formativo e pedagógico que devotadamente têm sabido manter na sua Colectividade, inauguram este mês um novo ano ginástico, que terminará em 30 de Junho de 1961.

Seria estultícia relevar, uma vez mais, toda a cópia de vantagens que a mocidade aveirense poderá conseguir frequentando os cursos que, muito louvàvelmente, numa teimosia que bem se poderá apodar de abençoada, o Sporting de Aveiro lhe proporciona.

São benefícios múltiplos, de toda ordem, todos convergindo no objectivo de se realizar, em pleno, a velha máxima de Juvenal *mens sena in corpore sano* — pretendendo-se que os homens de amanhã se tornem fortes de corpo e de espírito.

Com o nosso aplauso, juntamos um sincero voto pela geral compreensão dos aveirenses por esta magnífica obra da Secção de Ginástica do Sporting de Aveiro.

O seu «capitão» — o conhecido desportista Fausto Castilho — assinou um bem elaborado regulamento das actividades ginásticas dos «leões» aveirenses, de que temos presente um exemplar, esta semana recebido no *Litoral*. Desse documento extraimos as notas qne vão seguir-se, com elas se encerrando, por hoje, as presentes considerações.

• As aulas serão ministradas no Ginásio do Liceu Nacional de Aveiro, cuja utilização teve de ser condicionada pelas disponibilidades horárias daquele estabecimento de ensino.

• Funcionarão, inicialmente, seis classes ginásticas. No entanto, se o número de inscrições o justificar, podem vir a ser criadas outras para além das previstas, que são as seguintes:

Classe A (INFANTIL MISTA), para jovens dos 4 aos 6 anos, com aulas às 2.as e 5.as-feiras, pelas 17 horas.

Classe B (INFANTIL MISTA), para jovens dos 7 aos 9 anos, com aulas às 3.as e 6.as-feiras, pelas 17 horas.

Classe C (JUVENIL FEMININA), para meninas dos 10 aos 12 anos, com aulas às 2.as e 5.as-feiras, pelas 18 horas.

Classe D (JUVENIL MASCULINA), para rapazes dos 10 aos 12 anos, com aulas às

Continua na página 6

BENEDITO em AVEIRO

Chegou a Aveiro, na penúltima sexta-feira, como estava previsto, o jogador angolano BRÁS DA CONCEIÇÃO BENEDITO, que, por iniciativa da Tertúlia Beiramarense, ingressou nas fileiras da popular agremiação da nossa cidade — disposto, segundo afirmou à Imprensa, a marcar boa presença na Metrópole, e a ser útil ao Beira-Mar.

BENEDITO, um jovem de quem se têm feito as mais elogiosas referências, foi indicado ao Beira-Mar pelo conhecido desportista aveirense Mário Rocha, que há anos se encontra em Angola. Tem 24 anos, alinhava a defesa, e nasceu em Luanda; iniciou-se nos juniores do *Clube Atlético de Luanda*, tendo jogado, depois, pelo *Futebol Clube de Uige* e pelo *Clube de Futebol «Os Luandenses»*, donde se transferiu agora para o Beira-Mar.

BENEDITO iniciou já a sua preparação, na passada terça-feira, devendo estrear-se em Aveiro, no próximo dia 9, no jogo particular que os beiramarenses aqui devem efectuar, com o União de Coimbra.

FUTEBOL — II Divisão

Campeonato Nacional — COMENTÁRIO GERAL

no 2.° DIA

Feirense, 1 — Gil Vicente, 0
Oliveirense, 8 — Chaves, 2
Boavista, 5 — Peniche, 1
C. Branco, 2 — Vianense, 1
Caldas, 2 — Marinhense, 1
União, 0 — Sanjoanense, 2
Beira-Mar, 1 — Torriense, 1

DOIS dias da prova estão concluídos. E, no topo da tabela, com o máximo de pontos, situam-se duas turmas aveirenses, de momento as únicas que conseguiram obter triunfos fora; caso curioso, tanto a Oliveirense, em Peniche (no dia inaugural), como a Sanjoanense, agora em Coimbra, obtiveram o mesmo *score*: 2-0.

No pretérito domingo, houve três desfechos de sensação. Na realidade, a expressão numérica obtida em Azeméis surpreendeu grandemente: tarde de inspiração dos locais, de azares dos flavienses ou ambas as hipóteses conjugadas? Depois, deve igualmente salientar-se o precioso êxito da Sanjoanense no difícil Campo da Arregaça, frente ao União. E, finalmente, surge-nos o meritório e inesperado empate que o Torriense veio impor ao Beira-Mar — pois as previsões gerais inclinavam-se para o triunfo dos aveirenses.

As restantes partidas foram favoráveis aos *teams* visitados. Refira-se, no entanto, que sòmente o Boavista conseguiu êxito folgado, já que o Peniche, este ano, se apresenta com menos poder que na época finda. Os outros triunfadores caseiros — Feirense, Castelo Branco e Caldas — tiveram grandes dificuldades para se imporem e alcançarem os seus primeiros pontos nos prélios em que, respectivamente, tiveram que medir forças com o Gil Vicente, o Vianense e o Marinhense.

A procissão não saiu ainda do adro, como vulgarmente se diz. Mas o certo é que, não havendo

Continua na página 6

Mapa da Classificação

CLUBES	J	V.	E.	D.	Bolas	P.
Sanjoanen.	2	2	—	—	6 - 1	4
Oliveirense	2	2	—	—	10 - 2	4
Torriense	2	1	1	—	3 - 2	3
Marinhense	2	1	—	1	4 - 2	2
Boavista	2	1	—	1	7 - 4	2
Beira-Mar	2	—	2	—	2 - 2	2
Feirense	2	1	—	1	2 - 2	2
Vianense	2	1	—	1	4 - 4	2
C. Branco	2	1	—	1	2 - 4	2
Caldas	2	1	—	1	3 - 5	2
Chaves	2	1	—	1	4 - 9	2
G. Vicente	2	—	1	1	1 - 2	1
União	2	—	—	2	1 - 4	0
Peniche	2	—	—	2	1 - 7	0

BEIRA-MAR, 1 — TORRIENSE, 1

Comentário de ARMANDO COIMBRA

NÃO se pode dizer que foi decepcionante o encontro com os torrienses. De decepcionante, sòmente o resultado — afinal o que mais conta. . Este não pode servir uma equipa com aspirações, e que tudo tem feito para se guindar a um plano mais alto no futebol nacional.

No entanto, o empate a uma bola tem de aceitar-se como certo e justo, se atendermos à forma como o visitante se comportou, defendendo com brio e contra-atacando com cabeça, abrindo e fechando como um harmónio, com sentido, ritmo e saber.

Aos aveirenses, faltou-lhes, sobretudo, velocidade, rapidez e surpresa no ataque. Os dois pontas de lança, Garcia e Correia, nunca foram servidos em profundidade, como requerem as suas características de futebolistas. E daí as suas tão confrangedoras actuações.

A meio-campo, os beiramarenses teceram boas jogadas, com passes certos e medidos, mas num futebol repousado.

Não foram incisivos nem práticos. O domínio do meio-campo representa pouco quando é oferecido, e os homens de Torres Vedras preferiram aguardar os acontecimentos mais para a defesa, onde normalmente escalonavam cinco elementos em oposição três avançados dos amarelo-negros.

Estamos convencidos de que se os aveirenses conseguissem um golo no primeiro tempo, a feição do jogo seria modificada. Mas tal não aconteceu, umas vezes por falta de sorte, é certo, outras por falta de decisão, na frente — na zona onde se discutem os lances que resolvem as contendas

Registo do jogo

Estádio de Mário Duarte, em Aveiro, perante enorme assistência.

Árbitro — António Lopes Rosa. *Fiscais de linha* — António Ferreira dos Santos (bancada) e Álvaro Rodrigues (peão) — todos de Coimbra.

Beira-Mar — Sidónio; Evaristo, Liberal e Jurado; Amândio e Sarrazola; Garcia, Laranjeira, Correia, Miguel e Paulino.

Torriense — Varatojo (ex-Juventude de Évora); Herminio, Abílio e Nuno; José da Costa e Humberto; Narciso, Saldanha, Mateus, Madaleno (ex Belenenses) e Bezerra.

Golos — SALDANHA, aos 74 m., pelo Torriense, sob passe de Madaleno, que se apoderara da bola mal aliviada pela defesa. Sidónio tapado só conseguiu tocar no esférico. PAULINO, aos 84 m., pelo Beira-Mar, a passe de Amândio, com um pontapé excelentemente colocado, em toque inteligente sobre a barreira, constituida, na linha de golo, por imensos jogadores...

Mas também não nos devemos esquecer de que, muitas vezes, no ataque, andaram perdidos e desamparados três avançados, como já referimos, em luta desigual e inglória contra cinco opositores. E nestes pormenores é que é preciso atentar. José da Costa jogou sempre como quis, e onde quis, e nestas circunstâncias, sendo ele a chave do sistema, merecia um pouco mais de alteração; mas nunca vimos ninguém dificultar-lhe os movimentos.

Estamos certos de que a equipa há-de subir, pois tem valor para isso; mas, ao contrário do que aconteceu no último domingo, seria bom não deixar para os últimos momentos essa desejável subida.

CAMPEONATOS DISTRITAIS

I DIVISÃO

A prova prosseguiu no domingo, com novos motivos de interesse, sendo de registar o aparecimento de dois empates, duas vitórias tangenciais, e sòmente um desfecho desnivelado. A última marca, verificada no encontro Cucujães-Ovarense, constituiu a grande surpresa do dia, já que se aguardava muitíssimo mais dos vareiros, tidos como favoritos.

Lusitânia e Pejão empataram fora, em Lamas e Cesar, respectivamente, enquanto que o Arrifanense e o Vista-Alegre resistiram mais do que se contava em Espinho e em Águeda, onde os actuais *leader* e *subleader* tiveram que contentar-se com êxitos pela margem mínima.

Resultados do dia:

ESPINHO, 1 — ARRIFANENSE, 0; CESARENSE, 1 — PEJÃO, 1; LAMAS, 1 — LUSITÂNIA, 1; RECREIO, 1 — VISTA-ALEGRE, 0; e CUCUJÃES, 3 — OVARENSE, 0.

Na jornada, e em dois campos — Cucujães e A'gueda — registaram-se expulsões de atletas da Ovarense, do Cucujães, do Vista-Alegre e do Recreio, o que profundamente se lamenta.

TABELA DE PONTOS

CLUBES	J.	V.	E.	D	Bolas	P.
Espinho	3	3	—	-	5 - 0	9
Recreio	3	2	1	—	6 - 2	8
Cucujães	3	2	—	1	5 - 4	7
Lusitânia	3	1	1	1	5 - 4	6
Pejão	3	1	1	1	4 - 4	6
Ovarense	3	1	1	1	2 - 4	6
Arrifanense	3	1	—	2	5 - 5	5
V. Alegre	3	1	—	2	4 - 5	5
Lamas	3	—	1	2	3 - 6	4
Cesarense	3	—	1	2	3 - 8	4

RESERVAS

Resultados do dia:

LUSITÂNIA, 2 — ARRIFANENSE, 3
ESPINHO, 0 — SANJOANENSE, 2
PEJÃO, 1 — UNIÃO DE LAMAS, 1
OLIVEIRENSE, 6 — ESTARREJA, 0
CUCUJÃES, 2 — OVARENSE, 1

BEIRA-MAR-VASCO DA GAMA

Para estreia da sua equipa principal de basquetebol, o BEIRA-MAR joga na segunda-feira, dia 3, pelas 22 horas, no Rinque do Parque, com a turma de honra do SPORTING CLUBE VASCO DA GAMA, campeão da Associação de Basquetebol do Porto e componente da I Divisão Nacional

Direcção de

JAIME BORGES e PEREIRA DA SILVA

CADERNOS DE VIAGEM

DE PEREIRA DA SILVA

VITERBO tomou, em Vilar Formoso, um autocarro para o Norte. Seguindo a paisagem castelhana, que conhecia longìnquamente através dos versos de António Machado, não conseguia inteirar-se por completo da separação legal imposta a terras semelhantes de ambientes semelhantes e problemas semelhantes. A planície, a perder de vista, terminava em tintas pardas do sol a queimar a terra. Pedras isoladas, cinzentas e nuas, davam um aspecto de solidão completa àquela zona, cortada, de tempos a tempos, pela passagem de pequenos ruminantes que cheiravam a trabalho, contrabando e misticismo resignado, por extensão castelhana. Os homens, poucos e secos, eram queimados pelo estorreiro de vários meses, e tristes como a própria paisagem.

«Mas numa extensão de muitas dezenas de quilómetros os homens são iguais, o solo é igual, as pedras são iguais, tudo é igual, c'os diabos! Só os países são diferentes. Só uma divisão simbólica mas legal me impede de avançar à procura de novos horizontes e novas gentes. Que incongruência...»

E, assim pensando, ora de autocarro ora a pé, ora de jerico amàvelmente cedido, ora de carroça de burros ronceiros e gente simpática, Viterbo chegou a Almofala. Daqui para diante é que nada mais havia a fazer do que meter pés a caminho. As gentes do sítio, experientes e conhecedoras das pretensões daqueles visitantes, trataram-no com simpatia e indicaram-lhe a melhor rota. Devia atravessar o rio Águeda na zona mais montanhosa, para evitar surpresas. Até lá, seriam uns quilómetros, que o repouso da noite anterior e a emoção dum mistério a descobrir tornariam curtos e até agradáveis. Corre aqui e esconde-te acolá, olha, pára e escuta, para evitar encontros não oportunos, e, à vista do magro rio da liberdade, dá com uma árvore carregada de lilazes, perfumados e coloridos, a pedir uns minutos de descanso debaixo da sua sombra fresca e agradável. Podia antever-se um milagre pela existência de lilazes em semelhante pousio, mas, fosse milagre ou não fosse, Viterbo descansou e, em sinal de reconhecimento, cortou várias pencas, formou um ramo e lançou pernas pela ravina abaixo, porque a viagem adivinhava-se dura e morosa.

Contemplado e cheirado, largando de vez em quando uma flor ao vento leve ou por acção dos baloiços inevitáveis do corpo do portador, o ramo lá seguiu Viterbo, dando-lhe agradável e muda companhia.

O rio levava pouca água e, fazendo equilíbrio sobre as pedras brancas e descobertas, pula que pula, ei-lo parado e surpreso em terras de Espanha.

Vira-se sorridente e feliz para Portugal, recita incauto e com gestos teatrais versos que lhe vêm à cabeça, e atira as pernas velozes pela encosta acima. Ramo na mão, que bagagem não quis ele a não ser as pesetas que os magros escudos lhe renderam, ia subindo e suando sob o sol quente do meio dia. Tira o casaco, e a camisa branca passou a constituir magnífico alvo para os descontentes com a sua sem-cerimónia.

Os lilazes é que foram um achado. Parava, respirava o seu perfume, elegia-os símbolo da sua aventura de esperança.

Estava o cimo do monte a poucos esforços de marcha, quando lhe pareceu ouvir uma ordem que ecoou pelo vale mortiço do rio. Parou, pela primeira vez medroso e com cuidado, não por ter que sofrer fisicamente, mas com receio de lhe interromperem os sonhos de passarinho livre e descontraído.

Esperou um pouco, o medo foi-se-lhe diluindo, respirou profundamente e meteu de novo os pés à serra brava. Dez passos não percorrera, quando uma explosão soou em local indeterminado e voou pelas serranias adiante com modos de trovão. Ao mesmo tempo, um calor estranho invadiu-lhe o tronco e percorreu-lhe todos os membros. As pernas, suavemente, cederam, e teve que ajoelhar. Tinha uma longínqua ideia da verdade do momento, e estendeu o braço dos lilazes de modo a que eles pudessem olhar a planície castelhana.

Um vento suave corria a encosta, vindo de Portugal, e ia embater com o braseiro de Castela. As flores do ramo iam-se soltando, pouco a pouco, para o horizonte ibérico.

Quando os guardas deram com o cadáver, a mão direita segurava duas pequenas hastes depenadas. As últimas flores caíam pelos montes e um perfume muito ligeiro envolvia o corpo ali deitado.

Lilazes sobre a Ibéria.

Pétalas de sonho sobre o Homem.

PERENIDADE

A lágrima que nasce,
Que cresce
E que desce,
Queimou
E sarou.

A minha nasceu,
Cresceu
E desceu.

Tombou.

E nunca secou.

Judith Rodrigues

UM CONTO NEGRO

POR SALES GOMES

ALI vem outro. Este tem pressa, alguém o espera, ou tem medo da chuva. Mas chove pouco, é só uma ligeira cacimba.

Irá para casa? Que idade terá? O fato é escuro. É um pai-de-família, vê-se logo pelo andar. Sempre conheci os pais-de-família pelo andar. Gostava de ver-lhe a cara. Se ele passasse perto da luz...

Pronto, dobrou a esquina.

Vou contar os segundos até que passe outro.

Cinco segundos. São dois vultos. Um casal, muito juntos. Não são casados, de certeza. Os casados não andam tão devagarinho à chuva. Pararam? Não, foi ela que lhe disse qualquer coisa ao ouvido. São namorados... só os namorados dizem segredinhos, mesmo quando estão sós. Que teria dito?

Mais um vulto ao fundo da rua. Também vem de fato negro. Passo curto... Pesado... Chapéu na cabeça. É comerciante. Tem passo de patrão. É gordo, atarracado, e espeta a barriga para fora. O protótipo do burguês enriquecido. Aposto que tem os dedos cheios de anéis e usa corrente de ouro no colete. Vai apanhar o parzinho, mesmo ao pé do lampeão. Tenho a certeza de que olhará para eles com ar de mofa. Até sei que ele está a pensar: «Estúpidos, agarradinhos, à chuva, e dizendo segredinhos. Que perda de tempo!» Para os burgueses, o tempo é dinheiro.

Está quase a chegar. Olhou uma vez... eu não dizia?! Ainda há-de olhar outra vez...

Continua na página 7

CONTRASTE

Em rútilos gritos, crescentes em dor
Afogando horrores, devassando dias
Desfiando sonhos de paz e de amor
Gemendo com Deus às Ave-Marias.

A noite soou às almas vazias
Enchendo com calma, da Terra o suor,
Em rubros poemas, vãs fantasias
Caindo do céu e pingando calor.

Só eu continuo cegando de luz
Martelando as horas que só eu impus
Pois quero a vida só por mim marcada.

Sou livre, sou rei! Ninguém me domina!
Sou grande senhor que o Povo abomina
Sou uivo de fera em selva fechada.

Britaldo Rodrigues

Desenho de Jeremias Bandarra
Linóleo de José Fina

Uma entrevista com

SARAIVA DA FONSECA

— aveirense que estagia em S. Carlos

HA' alguns anos atrás, apareceram na Redacção do Litoral *três jovens, todos de Aveiro e que disseram formar o desconhecido «Trio Harmonia». Cantaram e agradaram. Mas, àparte um ou outro recital que depois disso deram, o prometedor conjunto caiu no esquecimento.*

Longe estávamos nós de pensar que um dos seus componentes, levado pelo amor que o prendia ao belo-canto, tentasse tão altos voos que o conduziriam ao famoso e difícil Teatro de S. Carlos.

Mas é verdade. O Saraiva da Fonseca, esse jovem que cantou, para os redactores do Litoral, *medrosamente mas sèriamente, há alguns anos, apareceu-nos agora na mesa do café, segurando uma pasta onde estuda trechos da «Aida», do «Rigolleto» e outros que tais.*

— Como foi isso, Saraiva da Fonseca?

— Fui levado pela minha paixão pelo canto — explica-nos com simplicidade. — E não me poupei a sacrifícios para conseguir alguma coisa. Trabalho em Lisboa, e estudo canto com o barítono Hugo Casais.

— Tem-se limitado ao estudo ou deu já alguns recitais?

— Ainda no ano passado cantei no «Coro da Juventude Musical Portuguesa», em recitais da Emissora Nacional.

— E como lhe veio esse interesse pelo belo-canto?

— Trabalhei nas Fábricas Aleluia *e, durante dez anos, fiz parte do seu famoso Coral. Depois, tentámos novos voos e surgiu o «Trio Harmonia». Então decidi-me e...*

— ... E agora ... — cortámos, com interesse.

— ... Fiz concurso para os Coros do Teatro de S. Carlos. Foram bastantes os concorrentes. No final, aceitaram sòmente três... entre os quais estava eu, felizmente.

— Quanto ao futuro...

— Agora estou em estágio, com a ópera «Aida». Estou certo de que serei aceite para o Coro do S. Carlos — e assim se consuma a primeira parte do meu sonho. Para já, é o que interessa, não é?

P. S.

O extinto «Trio Harmonia».
À direita, Saraiva da Fonseca